

RESTRIÇÕES AO LAZER FEMININO: PARTICULARIDADES DAS EXPERIÊNCIAS DE LAZER DE MULHERES HOMOSSEXUAIS

Recebido em: 07/09/2012

Aceito em: 30/03/2013

*Carla Barbosa*¹

*Toni Liechty*²

*Raquel Pedercini*³

University of Regina

Regina – Saskatchewan – Canadá

RESUMO: Este artigo de revisão bibliográfica propõe-se a discutir as restrições sofridas por mulheres em seus momentos de lazer, focando particularmente na experiência de lésbicas. Os autores discutem aspectos pertinentes ao tema, tais como expectativas de gênero, lazer em família, homossexualidade feminina, homofobia, interseccionalidade entre fatores de opressão social, utilização de espaços urbanos, além da própria definição do que seja lazer. A intenção deste trabalho é apresentar um panorama sobre o tema e contribuir para futuros estudos.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Identidade de Gênero. Homossexualidade Feminina.

LEISURE CONSTRAINTS FOR WOMEN: PARTICULARITIES OF LEISURE EXPERIENCES OF LESBIAN WOMEN

ABSTRACT: This paper of literature review intends to discuss the constraints faced by women in their leisure time, focusing particularly on the experience of lesbians. The authors discuss relevant aspects associated to the topic, such as gender expectations, family leisure, female homosexuality, homophobia, intersectionality between agents of social oppression, the use of urban spaces, and the very definition of what constitutes leisure. The intent of this paper is to present an overview of the theme and to help with future studies.

KEYWORDS: Leisure Activities. Gender Identity. Homosexuality, Female.

Introdução

¹ Mestranda em Kinesiology and Health Studies pela University of Regina, Saskatchewan, Canadá.

² Doutora em Leisure Studies pela Pennsylvania State University, Philadelphia, Estados Unidos.

³ Doutoranda em Kinesiology and Health Studies pela University of Regina, Saskatchewan, Canadá.

Nas últimas décadas, pesquisadores vêm discutindo o quanto o lazer é influenciado por ideologias relacionadas à construção de gênero (HENDERSON; HODGES; KIVEL, 2002; HARRINGTON, 2006; PILCHER, 2011). As experiências de lazer são bastante diferentes entre homens e mulheres, e as expectativas sociais relativas ao gênero de cada um de nós são responsáveis por uma grande quantidade de restrições que encontramos no nosso dia-a-dia, incluindo nos momentos de lazer (ARAB-MOGHADDAM & HENDERSON, 2007; CHICK & DONG, 2005; LEWIS & JOHNSON, 2011). No campo de Estudos de Lazer, as diferenças entre os sexos vêm sendo analisadas através de vários prismas, tais como a formação de identidade de gênero (HENDERSON & SHAW, 2006; FOLEY; HOLZMAN; WEARING, 2007; ESPINER; GIDLOW; CUSHMAN, 2011), geografia do lazer (AITCHISON, 1999; SCRATON & WATSON, 1998; HENDERSON & FRELKE, 2000), restrições ao lazer (SHAW; BONEN; MCCABE, 1991; HENDERSON & SHAW, 2006; CRAWFORD & JACKSON, 2005) e sexualidade (PRITCHARD; MORGAN; SEDGLEY, 2002, SKEGGS, 1999; TAYLOR, 2007). Estes estudos vêm recebendo especial atenção por parte de feministas por causa do grande potencial que o lazer tem em servir como uma ferramenta na luta contra as desigualdades de gênero. No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito.

Uma busca na literatura produzida nos últimos anos abordando lazer feminino e, particularmente, no lazer para lésbicas, mostra que muitos aspectos e particularidades nas experiências de mulheres homossexuais têm sido subexplorado.

O androcentrismo⁴, a heteronormatividade⁵, o sexismo⁶ e a homofobia⁷ contribuem para tornar essas particularidades invisíveis, e várias pesquisas têm colocado lésbicas na mesma amostra que outras mulheres ou que homossexuais masculinos. No entanto, a interseccionalidade⁸ entre fatores de opressão social encontrado por lésbicas as colocam num contexto muito particular que muitas vezes não se compara a nenhum outro grupo.

A invisibilidade destas mulheres traz consequências para a saúde delas (IWASAKI & RISTOCK, 2004), para a sua identidade (KIVEL & KLEIBER, 2000; MYRDAHL, 2011), para suas relações familiares (BIALESCHKI & PEARCE, 1997; PERLESZ & MCNAIR, 2004), entre muitos outros aspectos que podem levar a uma qualidade de vida empobrecida. A sexualidade é apenas um aspecto na vida de todos nós. No entanto, para aqueles que não têm comportamento sexual equivalente ao da

⁴ Androcentrismo é o entendimento de que a perspectiva masculina corresponde à regra para todos os indivíduos, sejam eles homens ou mulheres. Feministas problematizam esse conceito afirmando que vários aspectos da experiência feminina são ignorados quando não se considera diferenças de gênero. Um exemplo disso é a utilização dos espaços urbanos. Diferente dos homens, o medo de assédio ou violência sexual determina quando, como e aonde as mulheres transitam. Portanto, embora as cidades sejam projetadas para todos, parâmetros androcêntricos em projetos urbanos diferenciam mulheres e homens nas suas possibilidades de utilização das cidades (KOSKELA, 1999; LINDSEY, 2005).

⁵ Heteronormatividade é o reforço sociocultural atribuído às relações heterossexuais em detrimento de todas as outras possibilidades de desejos e expressões sexuais. A heteronormatividade garante às relações heterossexuais o status de norma, e todas as outras orientações sexuais passam a ser entendidas como anormais ou desviantes (FOSS; GRIFFIN, 1999; HEDERSON; HODGES; KIVEL, 2002).

⁶ Sexismo é a crença na superioridade e autoridade de um sexo sobre o outro. Geralmente, essa crença é justificada através de características biológicas de cada sexo e no entendimento rígido dos binários homem/mulher e masculino/feminino, sendo que o que é atribuído ao universo masculino adquire mais valor e poder sociocultural do que é atribuído ao universo feminino (LINDSEY, 2005).

⁷ Weinberg (1973) foi um dos primeiros a definir homofobia como “o pavor de estar em ambientes fechados junto a homossexuais”. Herek (1984) expandiu essa definição e enfatizou que homofobia tem a ver com o desconforto pessoal e com o medo que heterossexuais podem experimentar quando associados com gays e lésbicas. De acordo com esse autor, homofobia pode variar entre um pequeno desconforto até fortes sentimentos de temor e ódio contra gays e lésbicas.

⁸ Interseccionalidade é um enquadramento teórico que tenta considerar fatores que, em conjunto, formam a nossa identidade político-social, tais como o nosso gênero, raça, classe e status socioeconômico, orientação sexual, idade, nacionalidade, dentre vários outros. O conceito de interseccionalidade é bastante utilizado em pesquisas feministas para enfatizar que a definição de “mulher” como um grupo conciso é insuficiente para entender dinâmicas de opressão social tais como racismo, sexismo ou homofobia. Interseccionalidade, portanto, enfatiza que todas as meninas e mulheres compartilham certos problemas, mas outros não, e é a interseção desses fatores que define o nosso nível de opressão ou de privilégios em sociedade. (CRENSHAW, 1991; FELLOWS & RAZACK, 1998; DAVIS, 2008).

maioria da população, a sexualidade pode ofuscar outros aspectos da vida, diminuindo as potencialidades que essas pessoas poderiam desenvolver e realizações que elas poderiam alcançar. A sexualidade pode se tornar a única lente através da qual a sociedade enxerga essas pessoas, roubando as oportunidades desses indivíduos se transformarem no melhor de si e construírem o melhor para suas vidas.

Uma das grandes metas perseguidas pelos estudos e ativismo feminista é o entendimento que, garantindo melhores condições de vida para meninas e mulheres, conseqüentemente estamos garantindo melhor qualidade de vida para todos (ANZALDÚA, 1987; HOOKS, 1989). O grupo “mulher” é extremamente heterogêneo e não pode ser compreendido apenas através de um parâmetro. A classe social, a localização geográfica, a raça, a idade, o nível de escolaridade, a capacidade ou debilidade física, entre inúmeros outros fatores moldam cada experiência que temos na vida. Portanto, quanto mais pesquisas focarem em diferentes cenários socioculturais, mais próximo estaremos de entender e garantir essa melhor qualidade de vida para todos. Visando esse objetivo, os estudos sobre homossexualidade feminina deveriam ser mais explorados e entendidos como um grande contribuinte no diálogo contra as desigualdades de gênero.

Estudos focando na homossexualidade feminina podem levar a uma melhor qualidade de vida para milhões de lésbicas. Mas, além disso, podem também levar ao entendimento de questões relativas à vivência feminina, o que potencialmente poderia beneficiar todas as mulheres, independentemente da sua orientação sexual. Vivências que são diferentes da maioria da população permitem que indivíduos tenham oportunidades singulares para experimentar e desenvolver novas regras e papéis sociais. Distantes de algumas expectativas de gênero e de privilégios heterossexuais, lésbicas

tornam-se um campo frutífero para encontrar maneiras de desafiar parâmetros androcêntricos e sexistas que mulheres heterossexuais talvez jamais descobrissem. Portanto, lésbicas deveriam ser vistas não apenas como um grupo oprimido que merece empatia, mas como uma forma particular de ser mulher que pode trazer muitas idéias e conscientizações para discussões sobre inequidade entre gêneros.

Definições de Lazer

A definição de lazer vem sendo discutida há algumas décadas por estudiosos de várias disciplinas (ex.: história, cultura, geografia). Embora estes estudos sejam relativamente novos, datando de aproximadamente 40 anos, o lazer em si é parte da nossa vida cotidiana desde o início das civilizações. Russell (2009) define lazer como um conceito complexo, de significados diferentes dependendo da época, das pessoas e dos lugares que estão sendo analisados, tendo mudado forma e importância ao longo dos séculos.

Embora Russell (2009) enfatize que não há limites claros para o lazer, os pesquisadores contemporâneos têm categorizado a definição de lazer em três grupos. Eles são (a) o lazer como tempo livre, (b) o lazer como atividade outra que não trabalho, e (c) o lazer como um estado de espírito. Beck & Arnold (2009), em consonância com estas três categorias, definem lazer como o tempo restante depois que alguém mantém o seu autocuidado, executa um trabalho remunerado e termina responsabilidades domésticas e familiares, as quais eles se referem como trabalho não remunerado. De acordo com estas definições, o lazer pode ser entendido como tendo características distintas das que normalmente experimentamos na nossa vida profissional ou nos afazeres domésticos e familiares.

Kelly & Kelly (1994), no entanto, problematizam e criticam estas categorias, afirmando que o lazer não faz parte de um reino separado em nossas vidas. Em vez disso, esses autores sugerem que o lazer deveria ser entendido como uma dimensão ou qualidade das ações relacionadas ao trabalho, à família, à educação, ao desenvolvimento pessoal, à sexualidade e à quase tudo mais que envolve interações e expressões humanas, ao invés de ser um aspecto claramente distinto em nossas vidas. A crítica deles é embasada no entendimento de que “tempo livre” é culturalmente e socialmente construído e é difícil medir o quão livre o tempo deve ser para que se encaixe nessas categorias. Eles também criticam a descrição de lazer como uma “atividade outra que não trabalho”, porque a definição de trabalho também é socialmente construída e pode variar em função do sexo, da cultura, da etnia e de outros fatores específicos de cada grupo social. Chick & Dong (2005) também problematizam a definição de lazer como não-trabalho porque, em sociedades capitalistas e patriarcais, o trabalho remunerado (que geralmente é entendido como o “verdadeiro” trabalho) é desproporcionalmente mais acessível a homens do que a mulheres, o que acarreta uma análise deturpada do tempo que homens e mulheres efetivamente têm disponíveis para lazer. A criação de filhos, por exemplo, pode ser erroneamente entendida como atividade outra que não trabalho simplesmente por não ser uma atividade remunerada. Kelly & Kelly (1994) e Chick & Dong (2005), portanto, enfatizam que a própria definição de lazer sofre significativas alterações quando analisadas através da ideologia sexo / gênero.

Outros autores têm tentado definir lazer focando suas teorias em outros parâmetros tais como a existência de liberdade de escolha e em recompensas

intrínsecas⁹ obtidas através das atividades de lazer (ex.: DEGRAZIA, 1962; TINSLEY E TINSLEY, 1986; ISO-AHOLA, 1999). Russel (2009) cita o exemplo do paradigma desenvolvido por John Neulinger, que divide liberdade percebida e motivação em seis níveis, a fim de definir o que indivíduos percebem como lazer e como trabalho. Em sua teoria, “puro lazer” é experimentado quando alguém opta livremente por participar em atividades de lazer e esse lazer é completamente intrinsecamente motivado, ou seja, o indivíduo visa apenas à satisfação de seus próprios desejos e prazeres através dessa atividade, ignorando aspectos externos tais como a satisfação de outros membros da família ou a perseguição de algum objetivo definido. No lado oposto de seu paradigma encontra-se “puro trabalho”, que reflete a completa ausência de escolha e apenas motivações extrínsecas, ou seja, o indivíduo se engaja na atividade visando à obtenção de algum benefício ou recompensa, sendo o dinheiro a motivação extrínseca mais comum. Em sua teoria, a diferenciação entre lazer e trabalho é definida basicamente pela nossa percepção da existência ou ausência de restrições (RUSSELL, 2009).

A definição de lazer é muito ampla e sua descrição como tempo livre, atitude especial, ou atividade outra que não trabalho, não abrange todos os significados possíveis. No entanto, essas definições encaixam lazer em algo mensurável. É possível determinar quantas horas um grupo de pessoas se envolve em trabalho remunerado, no cuidado de crianças, na manutenção do próprio corpo, dentre outras atividades, e supor que o tempo restante esteja sendo preenchido com lazer. Embora esta compartimentação não descreva as características e especificidades destas horas “restantes”, ainda assim essa linha de raciocínio é bastante útil para os estudos nessa área, servindo como ponto

⁹ Recompensas intrínsecas são as que obtemos quando nos engajamos em uma atividade por nenhuma outra motivação que não a nossa própria vontade de fazê-lo. Fazer uma caminhada ao ar livre porque gostamos de sentir o sol e o vento em nossa pele é uma recompensa intrínseca. Fazer essa mesma caminhada porque precisamos emagrecer já é considerada uma recompensa extrínseca, porque apresenta outra motivação que não apenas a de participar da atividade.

de partida para o desenvolvimento de discussões mais profundas sobre vários aspectos incluindo diferenças e inequidades entre os gêneros. Ainda há muito trabalho a ser feito em Estudos de Lazer até alcançarmos uma definição mais ampla do que seja lazer, quais são as suas características, sua importância e suas potencialidades. No entanto, é exatamente porque há ainda muitas perguntas a serem feitas e respostas a serem encontradas é que os Estudos de Lazer vêm se mostrando um campo promissor para discutir e melhor entender o nosso tempo e a nossa civilização.

Restrições ao lazer feminino

Henderson (1997) conceitua gênero como sendo uma construção social associada ao sexo dos indivíduos e que é ensinada, aprendida, praticada e reproduzida em sociedade. De acordo com essa autora, gênero estabelece oportunidades, valores, benefícios, resultados e possibilidades de negociação a restrições que não devem ser ignorados. Henderson reforça que, como a maioria das atividades sociais, o lazer é generificado e generificador. O mesmo também é verdade para as restrições de lazer, que podem gerar resultados diferentes (por vezes, antagônicos) dependendo do sexo dos indivíduos envolvidos nessas atividades (HENDERSON, 1997).

O lazer desempenha um papel importante na construção das identidades de gênero (KIVEL & KLEIBER, 2000; ATENCIO & WRIGHT, 2009). Green (1998), entre outros pesquisadores (ex.: YARNAL, 2006; ROSTER, 2007), explora a importância do lazer como um local para a construção da identidade feminina e argumenta que as regras de gênero são aprendidas e repassadas quando as mulheres experimentam lazer coletivamente. Neste processo de construção da identidade, definições do que seja comportamento “normal” ou “anormal” é difundido e

internalizado. Portanto, este processo pode ser fortalecedor e encorajador para várias mulheres, mas opressor e incapacitante para aquelas que não correspondem à norma. Green (1998), portanto, sugere que estudos sobre como esses relacionamentos e relações de poder entre as mulheres são construídos e mantidos em espaços de lazer devem ser melhores e mais amplamente explorados.

Henderson; Hodges; Kivel (2002) sugerem que mulheres compartilham desigualdades em lazer porque geralmente a disponibilidade de tempo de uma mulher é menor e mais fragmentada do que a disponibilidade dos homens. Mulheres têm menos oportunidades de se envolverem em atividades recreativas, e vivenciam predominantemente lazer doméstico com atividades não estruturadas. Um dos grandes fatores que acarretam essas diferenças entre gêneros é que, em praticamente todas as sociedades, as mulheres estão associadas com a vida doméstica e com a criação dos filhos (LAMPHERE, 1997). É socialmente esperado que as mulheres se comprometam emocionalmente com suas famílias e seus lares, e esse comprometimento geralmente leva as mulheres a dedicar grande parte do seu tempo para atividades como o trabalho doméstico e cuidado das crianças. Henderson; Hodges; Kivel (2002) explica que, nas famílias heterossexuais, embora muitos casais acreditem que a criação dos filhos deve ser uma tarefa compartilhada entre os membros do casal, as mulheres ainda são desproporcionalmente responsáveis pela maior parte dessas atividades. Como resultado, a maioria das mulheres, especialmente as mães, são mais propensas a estabelecer o seu lazer em torno de suas responsabilidades familiares e domésticas. Por causa dessas expectativas sociais criadas em relação a gêneros, as mulheres enfrentam mais restrições de lazer em sua vida doméstica do que os homens. Algumas mulheres desenvolvem

estratégias para negociar esses tipos de restrições de lazer. No entanto, negociar restrições pode ser uma fonte de grande estresse e insatisfação.

As mulheres também enfrentam restrições em sua vida fora de casa. Pesquisas sugerem que as cidades são espaços criados a partir de pontos de vista masculinos (WEARING, 1998; HENDERSON & SHAW, 2006; ARAB-MOGHADDAM & HENDERSON, 2007) e, por causa disso, cidades apresentam espaços inadequados, perigosos e indesejáveis para mulheres e crianças (GREEN, 2006). Aitchison (1999) afirma que o nosso entendimento de espaço público é baseado em fatores que vão muito além do conceito de espacialidade física. De acordo com essa autora, espaços são construções culturais, repletas de simbolismos que moldam o nosso entendimento de pertencimento através de relações de poder e opressão. Espaços são, portanto, construções culturais que negam ou permitem o acesso de certos grupos a certos locais geográficos.

Wearing (1998) argumenta que mulheres sofrem muito mais restrições do que homens na utilização do espaço urbano porque o planejamento das cidades parte do pressuposto que as necessidades de um homem com um trabalho regular englobam todas as necessidades as quais uma cidade deve atender. A valorização do carro ao invés do trânsito de pedestres, a criação de parques grandes em áreas comerciais da cidade ao invés de pequenos parques distribuídos pelos bairros de periferia, a organização do transporte urbano como se o único objetivo fosse transportar pessoas indo ou voltando do trabalho. Essa forma de planejamento urbano desconsidera homens e mulheres que já se aposentaram e poderiam ter melhores experiências de lazer em parques próximos de casa; desconsidera os desafios de se percorrer longos caminhos transportando uma criança; desconsidera os benefícios de se percorrer curtas distâncias a pé ao invés de

longos percursos de carro. Em resumo, espaços urbanos tendem a ser construídos prestando-se pouca atenção nas diferentes realidades vividas pelos habitantes de uma cidade. Essa realidade nos espaços urbanos tem implicações diretas sobre como, quando e que tipo de atividades de lazer as mulheres são capazes de vivenciar (KELLY & KELLY, 1994; CHICK & DONG, 2005).

Estudos que destacam diferenças entre as vivências de lazer feminino e masculino são recentes (HENDERSON; HODGES; KIVEL, 2002). Ainda há muito que se pesquisar e que se entender em relação à participação e as restrições ao lazer usando como lente as diferenças ideológicas incutidas nos conceitos de sexo e de gênero. No entanto, é também importante levar em consideração as variações existentes dentro de um mesmo sexo, pois essas diferenças podem ser tão grandes como entre homens e mulheres (HENDERSON; HODGES; KIVEL, 2002). Feministas têm desafiado o conceito unificado de "experiência feminina", e têm lutado para colocar em perspectiva que vários são os fatores que diferenciam essa experiência. Estes fatores criam diferentes grupos de mulheres que compartilham vivências diferentes em sociedade, mesmo sendo todas do mesmo sexo. Ser uma mulher branca, negra, indígena, oriental, latina, casada, solteira, transgênero, mãe, heterossexual, lésbica, muçulmana, cristã, budista, advogada, empregada doméstica, prostituta, atleta de alto rendimento, portadora de necessidades especiais, todas essas características distintas, individualmente ou em conjunto, criam expectativas sociais que podem ser tanto uma fonte de restrições como uma fonte de poder em relação a outros indivíduos em sociedade (ANZALDÚA, 1987; HOOKS, 1989).

Embora algumas características possam ter níveis diferentes de importância dependendo das circunstâncias (por exemplo, negros sofrem níveis diferentes de

discriminação na Nigéria ou na Polônia), outras características têm um impacto mais prevalente. Homossexuais, por exemplo, sofrem algum tipo de discriminação em praticamente todas as sociedades. Só em 1991 a homossexualidade foi removida da lista de doenças descritas pela Organização Mundial de Saúde, e até hoje homossexualidade é considerada crime em 79 países sendo sujeita à punição com pena de morte em 10 deles (SEAGER, 2009). Portanto, gays e lésbicas, para sobreviver em sociedade, acabam tendo que aprender a negociar com a heteronormatividade em muitas áreas de suas vidas, incluindo em suas experiências com lazer.

Restrições ao lazer de lésbicas

O lesbianismo vem sendo mais amplamente estudado por feministas há pelo menos quatro décadas. Esses autores feministas afirmam que lésbicas sofrem uma dose dupla de discriminação por serem mulheres e por serem homossexuais (ANZALDÚA, 1987). Lésbicas experimentam as mesmas limitações que outras mulheres, mas, além disso, existem algumas barreiras que são especificamente relacionadas à sua sexualidade, e a estereótipos associados à homossexualidade em geral, e ao lesbianismo em particular. Investigando estereótipos associados ao lesbianismo, Toledo (2007) discute que lésbicas quebram duas construções socioculturais heterossexistas e androcêntricas associadas às mulheres. Estas construções são que (a) a sexualidade feminina é pautada apenas na função reprodutiva do sexo, e (b) as mulheres não podem ter prazer sem a presença de um homem (mais especificamente, a presença do pênis). Essas construções socio-culturais não encontram equivalentes na homossexualidade masculina. No entanto, exatamente porque a sexualidade feminina tende a ter suas características e particularidades invisibilizadas em sociedade, muitas vezes a vivência

lésbica é estudada como correspondente à vivência gay. A generalização do conceito de homossexualidade e os estereótipos associados a lésbicas têm implicações diretas na saúde física e psicológica dessas mulheres (PERLESZ & MCNAIR, 2004; TOLEDO, 2007), e criam restrições que são específicas para lésbicas, incluindo as limitações em suas experiências no espaço público urbano e em suas vivências de lazer (JACOBSON & SAMDAHL, 1998; SKEGGS, 1999; PRITCHARD; MORGAN; SEDGLEY, 2002).

Restrições ao lazer de lésbicas - Aspectos familiares

Quando comparados a relacionamentos heterossexuais, relacionamentos entre lésbicas são mais propícios ao equilíbrio de poder entre os indivíduos do casal, uma vez que ambas foram socializadas de acordo com os mesmos papéis sociais associados ao gênero feminino. Como não há expectativa rígida e social definida entre as famílias lésbicas, elas encontram mais liberdade na escolha e estabelecimento de parâmetros para o relacionamento (BIALESCHKI & PEARCE, 1997). Esta particularidade faz com que as restrições encontradas no lazer doméstico tendam a ser mais fáceis de lidar do que as restrições encontradas por mulheres em relacionamentos heterossexuais.

Bialeschki & Perce (1997) sugerem que, devido a essa liberdade, lésbicas em relacionamentos estáveis são capazes de negociar suas restrições no lazer doméstico baseado em quatro critérios diferentes. O primeiro critério são os interesses pessoais, o que significa que cada uma das mulheres do casal geralmente pode escolher a atividade que ela mais gosta de executar e essa tarefa passa a ser de sua responsabilidade. O segundo critério é a disponibilidade de tempo, o que significa que a parceira com mais tempo disponível será responsável por mais tarefas em casa ou por aquelas atividades que demandam mais tempo para serem concluídas. O terceiro critério é a possibilidade

financeira de contratar ajuda, o que significa que o casal vai escolher, dependendo de suas possibilidades financeiras, contratar ajuda para os trabalhos domésticos ou de cuidado dos filhos, liberando-as para se dedicarem a atividades de lazer. Por último, o quarto critério é o acordo para a conclusão da tarefa, o que significa que as atividades que nenhuma das parceiras gosta de fazer vai ser feito seguindo o entendimento de que tal tarefa precisa ser concluída. Segundo esses autores, as famílias lésbicas têm, portanto, mais chances de ter experiências satisfatórias de lazer para todos os indivíduos da família, porque a ausência de expectativas relativas a gênero abre espaço para uma melhor negociação de restrições ao lazer dentro de casa.

Restrições ao lazer de lésbicas - Aspectos externos

Embora a vida doméstica de famílias homossexuais possa ter algumas vantagens em relação às famílias heterossexuais, a realidade fora de casa tende a ser muito mais difícil para lésbicas e gays. O nível de homofobia varia de uma cultura para outra e alguns lugares do mundo são mais receptivos às pessoas que não se identificam com heterossexuais. Porém, em lugares onde a homofobia é uma forte realidade, a homossexualidade enfrenta grandes desafios.

Usando a realidade do Brasil como exemplo, Mello (2005) discute a construção da conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo e sugere que a cultura brasileira tem fortes agentes que atuam para a perpetuação das dificuldades sociais encontradas por homossexuais. Os agentes considerados mais fortes nesse processo são a igreja e o Estado. A interação desses dois agentes dificulta o reconhecimento legal e social de famílias homossexuais, com plenas competências para estabelecerem relacionamentos afetivos estáveis e criarem filhos saudáveis. Esse autor reforça que a

homossexualidade ainda é vista pela sociedade brasileira como um misto de pecado, doença e crime, despertando diferentes níveis de intolerância, preconceito e discriminação.

Toledo (2007) apresenta um estudo realizado focando em lésbicas brasileiras e argumenta que a invisibilidade social dessas mulheres permite que elas sofram violência física, moral e psicológica. Estereótipos associados à feminilidade e masculinidade em lésbicas também são fatores significativos no nível de exposição à violência a que essas mulheres são expostas (TOLEDO, 2007). Esta exposição a diferentes formas de violência acaba por afetar muitos aspectos da vida de mulheres que são lésbicas, incluindo oportunidades e preferências de lazer.

Estudos conduzidos na Inglaterra (SKEGGS, 1999. PRITCHARD; MORGAN; SEDGLEY, 2002. TAYLOR, 2007) também apresentaram discussões sobre sexualidade e visibilidade em espaços urbanos. Skeggs (1999) argumenta que as cidades estão cheias de relações de poder, e gays e lésbicas devem aprender a negociar com a heteronormatividade para serem capazes de ocupar os espaços públicos de maneira “apropriada” e de forma segura. Pritchard; Morgan; Sedgley, (2002), estudando um bairro gay em Manchester, Inglaterra, descobriram que lésbicas desenvolvem sua vida social e sua saúde psicológica e emocional nesse tipo de ambientes porque esses bairros lhes permitem desafiar uma cidade heterossexista e androcêntrica em um contexto um mais receptivo do que fora do bairro gay. No entanto, elas ainda enfrentam forte preconceito por serem mulheres, uma vez que as comunidades gays não são particularmente acolhedoras às mulheres. Resultados semelhantes foram encontrados por Taylor (2007), mas este autor destacou que lésbicas de baixo poder aquisitivo se sentem ainda menos bem-vindas em bairros gays do que lésbicas de classe média ou

alta, porque as diferenças de classe tornam-se mais significativas do que as semelhanças entre gênero e sexualidade, reforçando a existência de interseccionalidade entre gênero, orientação sexual e classe social. Portanto, esses autores concluem que lésbicas ainda estão à procura de espaços confortáveis para o seu lazer, longe do julgamento dos heterossexuais (HEDERSON; HODGES; KIVEL, 2002), e da discriminação dos gays.

Esses estudos reforçam que mulheres homossexuais encontram maiores dificuldades e restrições na utilização de espaços públicos do que mulheres heterossexuais. De acordo com Stokowski (2002), isso acontece porque discursos e ideologias criam relações de poder que impactam profundamente a forma como interagimos com espaços e com outras pessoas. Androcentrismo, heteronormatividade, homofobia e patriarcalismo, portanto, transformam mulheres em indivíduos restritos em sua utilização dos espaços urbanos. Essa realidade é ainda mais limitante quando observada a interseccionalidade entre gênero e orientação sexual. Em decorrência disso, poucos são os lugares nos quais lésbicas podem encontrar segurança física e emocional para si e para suas famílias, resultando numa realidade de empobrecida qualidade de vida e poucas experiências de lazer fora de casa.

Considerações Finais

Lazer é um tema muito amplo que é influenciado por vários fatores como sexo, gênero, sexualidade, raça, etnia, cultura, localização geográfica, status social, habilidades físicas, entre muitos outros aspectos e circunstâncias que definem e determinam a realidade da cada um de nós. Não é possível tentar definir lazer sem primeiro considerar “lazer para quem”. Pesquisadores vêm se concentrando em aspectos que moldam as nossas preferências, motivações, índice de satisfação, possibilidades de

autodeterminação, e as restrições encontradas por cada grupo específico em sociedade, além de outros prismas que permeiam nossas vidas e vivências em lazer. Esses estudos têm contribuído para o fortalecimento dos Estudos de lazer como campo científico relevante e como área propícia a contribuir na criação de bases para mudanças sociais.

Pesquisas têm mostrado que mulheres enfrentam desproporcionalmente mais restrições ao lazer quando comparadas com homens. Expectativas socioculturais associadas às expectativas de gêneros, à maternidade e à sexualidade feminina negam às mulheres a mesma qualidade de vida que indivíduos do sexo masculino. No entanto, no grupo das mulheres, existem subgrupos que enfrentam ainda mais restrições. Este estudo focou nas restrições ao lazer de lésbicas por entender que essas mulheres enfrentam duplo nível de restrições por serem mulheres e por serem homossexuais, acarretando em empobrecidas vivências em lazer.

Uma das grandes metas perseguidas pelos estudos e ativismo feministas é o entendimento que, garantindo melhores condições de vida para meninas e mulheres, consequentemente estamos garantindo melhor qualidade de vida para todos (ANZALDÚA, 1987; HOOKS, 1989). Os Estudos de Gênero e, mais recentemente, os Estudos de Lazer têm buscado contribuir com esse ativismo demonstrando e sugerindo como as mulheres podem se reinventar e transformar suas vidas através de experiências em lazer. Diferentemente das experiências em família ou no trabalho, o lazer tem um grande potencial para abranger grupos heterogêneos e permitir interações mais enriquecedoras. Por isso, estudos sobre o lazer de indivíduos ou famílias lésbicas podem, potencialmente, dar voz a mulheres de diversas origens sociais, enriquecendo o diálogo sobre lazer, sobre mulheres, sobre sexualidade feminina e sobre a sociedade

como um todo, buscando como objetivo final contribuir na luta contra as desigualdades de gênero.

REFERÊNCIAS

AITCHISON, C. New cultural geographies: The spatiality of leisure, gender and sexuality, **Leisure Studies**, Colchester, v. 18, n. 1, p. 19-39, 1999.

ANZALDÚA, G. E. **Borderlands/La Frontera: The new mestiza**. 2. ed. San Francisco: Aunt Lute, 1987. 250 p.

ARAB-MOGHADDAM, N.; HENDERSON, K. A. Women's leisure and constraints to participation: Iranian perspectives. **Journal of Leisure Research**, Illinois, v. 39, n. 1, p. 109-126, 2007.

ATENCIO, M.; WRIGHT, J. "Ballet it's too whitey": Discursive hierarchies of high school dance spaces and the constitution of embodied feminine subjectivities. **Gender and Education**, Cardiff, v. 21, n. 1, p. 31-46, 2009.

BECK, M. E.; ARNOLD, J. E. Gendered time use at home: An ethnographic examination of leisure time in middle-class families. **Leisure Studies**, Colchester, v. 28, n.2, p. 121-142, 2009.

BIALESCHKI, M. D.; PEARCE, K. D. "I don't want a lifestyle – I want a life": The effect of role negotiations on the leisure of lesbian mothers. **Journal of Leisure Research**, Illinois, v. 29, n. 1, p. 113-131, 1997.

CHICK, G.; DONG, E. Cultural constraint to leisure. In: JACKSON, E. L. (Ed.), **Constraints to leisure**. State college, PA: Venture Publishing. 2005. p. 169-168.

CRAWFORD, D. W.; JACKSON, E. L. Leisure constrains theory: Dimensions, directions, and dilemmas. In: JACKSON, E. L. (Ed.). **Constraints to leisure**. State college, PA: Venture Publishing. 2005. p. 153-168.

CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, Stanford, v. 43, s/n, p. 1241-1279, 1991.

DAVIS, K. Intersectionality as buzzword: A sociology of science perspective on what makes a feminist theory successful. **Feminist Theory**, Thousand Oaks, v. 9, s/n, p. 67–85. 2008.

DeGRAZIA, S. **Of time, work and leisure**. New York: Vintage Books, 1962. 548 p.

ESPINER, S., GIDLOW, B., CUSHMAN, G. Outdoor recreation and gendered space: the case of men's enthusiasms for hunting, fly-fishing and scuba diving. **Annals of Leisure Research**, Lismore, v. 14, n. 2, p. 176-193. 2011.

FELLOWS, M. L.; RAZACK, S. The Race to Innocence: Confronting Hierarchical Relations among Women. **1 Journal of Gender, Race, and Justice**, Iowa City, s/v, s/n, p. 335-352, 1998.

FOLEY, C.; HOLZMAN, C.; WEARING, S. Moving beyond conspicuous leisure consumption: Adolescent women, mobile phones and public space. **Leisure Studies**, Colchester, v. 26, n. 2, p. 179-192, 2007.

FOSS, A.; FOSS, S. & GRIFFIN, C. **Feminist Rhetorical Theories**. Illinois: Waveland, 1999. 390p.

GREEN, E. "Women doing friendship": An analysis of women's leisure as a site of identity construction, empowerment and resistance. **Leisure Studies**, Colchester, v. 17, n.3, p. 171-185, 1998.

GREEN, E. Risky bodies at leisure: Young women negotiating space and place. **Sociology**, Cardiff, v. 40, n. 5, p. 853-871, 2006.

HARRINGTON, M. Family leisure. In: ROJEK, C.; SHAW, S. M.; VEAL, A. J. (Ed.). **A handbook of leisure studies**. New York, NY: Palmgrave Macmillan, 2006. p. 417-432.

HENDERSON, K. A. A critique of constrains theory: A response. **Journal of Leisure Research**, Illinois, v. 29, n. 4, p. 453-457, 1997.

HENDERSON, K.; FRELKE, C. E. Space as a vital dimension of leisure: The creation of place. **World Leisure Journal**, Cedar Falls, v. 42, n. 3, p. 18-24, 2000.

HENDERSON, K. A.; HODGES, S.; KIVEL, B. D. Context and dialogue in research on women and leisure. **Journal of Leisure Research**, Illinois, v. 34, n. 3, p. 253-271, 2002.

HENDERSON, K. A. & SHAW, S. M. Leisure and gender: Challenges and opportunities for feminist research. In: ROJEK, C.; SHAW, S. M.; VEAL, A. J. (Ed.). **A handbook of leisure studies**. New York, NY: Palmgrave Macmillan, 2006. p. 216-230.

HEREK, G. M. Attitudes toward lesbians and gay men: A factor analytic study. **Journal of Homosexuality**, New York, v. 10, s/n, p. 1-21, 1984.

HOOKS, B. **Talking back: Thinking feminist, thinking black**. Boston, MA: South End Press, 1989. 186p.

ISO-AHOLA, S. E. Leisure studies: Prospects for the twenty-first century. In: JACKSON, E. L. (Ed.). **Constraints to leisure**. State college, PA: Venture Publishing, 1999. p. 35-51.

IWASAKI, Y.; RISTOCK, J. Coping with stress among gays and lesbians: Implications for human development over lifespan. **World Leisure Journal**, Cedar Falls, v. 2, s/n, p. 26-37, 2004.

JACOBSON, S.; SAMDAHL, D. Leisure in the lives of old lesbians: Experiences with and responses to discrimination. **Journal of Leisure Research**, Illinois, v. 30, n. 2, p. 233-255, 1998.

KELLY, J. R.; KELLY, J. R. Multiple dimensions of meaning in the domains of work, family, and leisure. **Journal of Leisure Research**, Illinois, v. 26, n. 3, p. 250-274, 1994.

KIVEL, B.; KLEIBER, D. A. Leisure in the identity formation of lesbian/gay youth: Personal, but not social. **Leisure Sciences**, Colchester, v. 22, n. 4, p. 215-232, 2000.

KOSKELA, H. Gendered exclusions: Women's Fear of Violence and Changing Relations to Space. **Geografiska Annaler**, Stockholm, v. 81B, n. 2, p. 111-124, 1999.

LAMPHERE, L. The Domestic Sphere of Women and the Public Sphere of Men: The Strengths and Limitations of an Anthropological Dichotomy. In: BRETTELL, C.; SARGENT, C. (Ed.). **Gender in Cross-Cultural Perspective**. Upper Saddle Creek, New Jersey: Prentice-Hall, 1997. p.100-109.

LEWIS, S.; JOHNSON, C. "But it's not that easy": negotiating (trans)gender expressions in leisure spaces. **Leisure/Loisir**, Waterloo, v. 35, n. 2, 115-132, 2011.

LINDSEY, L. L. **Gender Roles: A Sociological Perspective**. Upper Saddle River, New Jersey. Prentice Hall, 2005. 491p.

MELLO, L. Outras famílias: A construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 24, s/n, p. 197-225, 2005.

MYRDAHL, T. Lesbian visibility and the politics of covering in women's basketball game spaces. **Leisure Studies**, Colchester, v. 30, n. 2, p. 139-156, 2011.

PERLESZ, A.; MCNAIR, R. Lesbian parenting: Insider's voices. **Australian And New Zealand Journal Of Family Therapy (ANZJFT)**, Newcastle, v. 25, n.2, p. 129-140, 2004.

PILCHER, K. A 'sexy space' for women? Heterosexual women's experiences of a male strip show venue. **Leisure studies**, Colchester, v. 30, n. 2, p. 217-235, 2011.

PRITCHARD, A.; MORGAN, N.; SEDGLEY, D. In search of lesbian space? The experience of Manchester's gay village. **Leisure Studies**, Colchester, v. 2, s/n, p. 105-123, 2002.

ROSTER, C. A. "Girl power" and participation in macho recreation: The case of female Harley riders. **Leisure Sciences**, Colchester, v. 29, n. 5, p. 443-461, 2007.

RUSSELL, Ruth V. **Pastimes: The context of contemporary leisure**. 4. ed. Madison MI: Sports Publishing LLC, 2009. 410 p.

SCRATON, S.; WATSON, B. Gendered cities: Women and public leisure space in the 'postmodern city'. **Leisure Studies**, Colchester, v. 17, n. 2, p. 123-137, 1998.

SEAGER, J. **The penguin atlas of women in the world**. 4. ed. New York: Penguin Books, 2009. 128 p.

SHAW, S. M., BONEN, A.; McCABE, J. Do more constraints mean less leisure? Examining the relationship between constraints and participation. **Journal of Leisure Research**, Illinois, v. 23, n. 4, p. 286-300, 1991.

SKEGGS, B. Matter out of place: visibility and sexualities in leisure spaces. **Leisure Studies**, Colchester, v. 18, s/n, p. 213-232, 1999.

STOKOWSKI, P. A. Languages of place and discourses of power: Constructing new senses of place. **Journal of Leisure Research**, Illinois, v. 34, n. 4, p. 368-382, 2002.

TAYLOR, Y. 'If your face doesn't fit...': The misrecognition of working-class lesbians in scene space. **Leisure Studies**, Colchester, v. 26, n. 2, p. 161-178, 2007.

TINSLEY, H. E. A.; TINSLEY, D. J. A theory of the attributes, benefits, and causes of leisure experience. **Leisure Science**, Colchester, v. 8, n. 1, p. 1-45, 1986.

TOLEDO, L. G. Considerações narrativas sobre as vivências afetivo-sexuais entre lésbicas e suas relações com os mitos e estereótipos a respeito da lesbianidade. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO: Diálogos em Psicologia Social, 14, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2007. p. 4.

WEARING, B. **Leisure and feminist theory**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998. 219 p.

WEINBERG, G. **Society and the healthy homosexual**. New York: St. Martin's Press, 1973. 148 p.

YARNAL, C. M. The Red Hat Society®: Exploring the role of play, liminality, and communitas in older women's lives. **Journal of Women and Aging**, Philadelphia, v. 18, n. 3, p. 51-73, 2006.

Endereço dos Autores:

Carla Barbosa
University of Regina
Centre for Kinesiology, Health and Sport
3737 Wascana Parkway, S4S 0A2
Regina, Saskatchewan, CANADA
Endereço Eletrônico: barbosac@uregina.ca

Toni Liechty
University of Regina
Centre for Kinesiology, Health and Sport
3737 Wascana Parkway, S4S 0A2
Regina, Saskatchewan, CANADA
Endereço Eletrônico: toni.liechty@uregina.ca

Raquel Pedercini
University of Regina
Centre for Kinesiology, Health and Sport
3737 Wascana Parkway, S4S 0A2
Regina, Saskatchewan, CANADA
Endereço Eletrônico: marinhor@uregina.ca